

# CHÃO DE FÁBRICA

Porto Alegre

15 de Outubro / 2008



## CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL OS TRABALHADORES NÃO VÃO PAGAR ESTA CONTA

**Se existe uma crise financeira internacional, quem vai pagar esta conta?**

Esta preocupação levou a Federação dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul a promover uma palestra sobre o tema, reunindo a diretoria executiva e os dirigentes sindicais filiados. A palestra foi do economista do Dieese Ricardo Franzói. Para o presidente da Federação, Milton Viário **“os trabalhadores não podem pagar esta conta, principalmente se envolver desemprego e redução dos direitos adquiridos”**.



O objetivo fundamental segundo Milton Viário é o de conhecer o real tamanho da crise e como ela vai chegar ao setor produtivo. Esta é uma crise que não é nossa, assegura ele e, portanto, “vamos resistir para não sofrermos as conseqüências e as formas de mobilização dependerão dos sinais emitidos pela classe empresarial”.

Todos os indicadores da crise apontam para uma definição mais clara sobre o seu tamanho a partir do início de 2009. E este é mais um motivo de preocupação, pois o momento atual é de muita produtividade e horas extras, mas passado o período de Natal e Ano Novo a produção cai e na virada do ano, começam as férias e o risco de possíveis demissões. “Mas se houver demissões, haverá reação”, diz Milton.

**Os trabalhadores metalúrgicos já vêm realizando paradas nas portas de fábricas em função da flexibilização do trabalho, redução dos salários diretos, formas de contrato de trabalho e pela redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais. Esta última, uma importante pauta para os trabalhadores, que já está tramitando no Congresso Nacional.**

## O crédito está travado nos EUA



A crise financeira internacional disparada a partir dos Estados Unidos travou o crédito e vai se refletir em todos os países, mas o Brasil não está com este problema no momento, comentou o palestrante do Dieese, Ricardo Franzói. Isto porque, diz ele, o Brasil não está com problemas de crédito, além de o Banco Central ter comprado e investido na moeda americana e hoje contar com uma reserva de 200 bilhões, o que num momento de crise, poderá significar apoio financeiro ao mercado interno.

O aumento do valor do dólar, fator mais sentido hoje, se deve a dois motivos, segundo Franzói, o primeiro ao fato de que em momentos de crise financeira, ou seja, quando está faltando dinheiro no mercado, a matriz solicita às suas filiais que façam remessas imediatas dos lucros para a sede, mesmo com sacrifícios locais e um segundo motivo, é o subprime processo através do qual as empresas importadoras vendem os dólares duas vezes, isto é, pegam emprestado o dólar que deverá entrar em no futuro e utilizam este mesmo valor nas especulações de mercado. Quando acontece uma crise fora de padrão, o cambio fica instável e muitas empresas acabam falindo.

Mas Franzói atesta que o Brasil está bem, graças ao crescimento do mercado interno, aos programas federais como o Bolsa Família, o PAC entre outros voltados para as questões sociais. No caso dos EUA, diz o economista, o grande causador da crise foi o setor imobiliário, envolvendo o pagamento de hipotecas financiamentos a partir do valor do imóvel -, que foi utilizado de forma desmedida e gerou uma forte inadimplência, provocando uma bola de neve, principalmente diante da falta de novos créditos.

O Brasil não possui um sistema de hipotecas e vai continuar crescendo, assegura Franzói, ainda que em um patamar um pouco menor do que o esperado para 2009. Isto, “em caso de uma crise moderada, pondera, porque ainda existem muitos sinais desta crise que não apareceram”, observa. Por isso, salienta Franzói a importância da mobilidade e da informação que os trabalhadores devem ter, para evitar que se salvem os banqueiros e a classe assalariada fique sozinha para pagar a conta. Os riscos de tudo isso? Franzói arrisca dizer que depende muito das próximas decisões a serem tomadas pelo Banco Central, que poderá optar pela redução das taxas de juros ou apostar em outra direção.

### SETOR METAL-MECÂNICO

São vários os fatores que podem determinar o reflexo da crise no setor automotivo e de máquinas agrícolas, entre eles a questão do crédito, do resultado da safra, preço dos produtos, salários e outros. A DHB empresa de autopeças já anunciou a demissão de 40 trabalhadores e a GM (parou 5 dias) e Ford desaqueceram a produção.

### CONFIANÇA

Ricardo Franzói falou ainda, da confiança empresarial que existe em relação à moeda dólar, que tem uma imagem muito sólida, gerando um sentimento de que não haverá calote americano, e, portanto, garantindo com isso a continuidade da aplicação do dinheiro, por acreditarem que os EUA tem poder para resolver a crise.



### ACOMPANHAMENTO

A palestra no dia 15 visou preparar os dirigentes sindicais para o que poderá acontecer. A atenção e as dúvidas foram tantas, que foi sugerida a realização de novos encontros desta natureza, para acompanhamento da evolução da crise financeira internacional e os rumos que estará seguindo. “Precisamos estar preparados para enfrentar os reflexos desta crise e as tentativas de repasse da conta para os trabalhadores”, alertou Milton Viário, presidente da Federação. Um novo encontro será agendado para que os dirigentes sindicais possam voltar ao tema e observar a evolução da crise.

## Valorização do Trabalho. É disso que o Brasil Precisa!